

Ambiências ecopedagógicas na leitura da paisagem pesquisando práticas insurgentes no Encontro Continental de Comunidades 2025

ET2: Dimensão humana do projeto, do planejamento e da gestão da paisagem

Juliana Viégas de Lima Valverde 1
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: juliana.valverde@fau.ufrj.br

Ethel Santana Pinheiro 2
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: ethel@fau.ufrj.br

RESUMO

Este artigo investiga as ambiências ecopedagógicas observadas no V Encontro Continental de Comunidades (ECCO 2025), realizado em uma ecovila autogerida na região de Misiones, Argentina, que integra o Rede Latino-americana de ecovilas. Investiga-se como práticas socioespaciais insurgentes produzem uma leitura sensível da paisagem, favorecendo processos de aprendizagem, pertencimento e coprodução de espacialidades sustentáveis. A fundamentação teórica articula estudos sobre ambiências, ecologia dos sentidos, práticas cotidianas e insurgências socioambientais, integrando contribuições da arquitetura da paisagem e de abordagens etnográficas aplicadas ao ambiente construído. A metodologia envolveu observação participante, diário de campo, análise documental, mapeamento de práticas e registros multissensoriais, resultando na identificação de mais de duzentas ações distribuídas em vinte e três espaços coletivos. Os resultados evidenciam que rituais, mutirões, rodas de diálogo, práticas corporais, alimentação comunitária e formas cooperativas de augestão configuram paisagens pedagógicas que ensinam pelo vivido, corporificando modos de cuidar, conviver e regenerar. Argumenta-se que tais ambiências constituem práticas de resistência e reexistência no campo da arquitetura da paisagem, oferecendo subsídios relevantes ao debate sobre a dimensão humana do projeto, planejamento e gestão da paisagem. Conclui-se que encontros como o ECCO potencializam vínculos socioecológicos, fortalecem justiça ambiental e inspiram trajetórias de transição sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: dimensão humana da paisagem; arquitetura da paisagem; direito à cidade; movimento de ecovilas; ambiências urbanas.

ABSTRACT

This article investigates the ecopedagogical ambiances observed during the V Continental Gathering of Communities (ECCO 2025), held in a self-managed ecovillage in Misiones, Argentina, and integrated into the Latin American Ecovillage Network. The study examines how insurgent socio-spatial practices generate a sensitive reading of the landscape, fostering learning processes, a sense of belonging, and the co-production of sustainable spatialities. The theoretical framework articulates contributions from studies on urban ambiances, sensory ecology, everyday practices, and socio-environmental insurgencies, integrating perspectives from landscape architecture and ethnographic approaches applied to built environments. The methodology included participant observation, field diaries, document analysis, mapping of practices, and multisensory records,



resulting in the identification of more than two hundred actions distributed across twenty-three collective spaces. The findings show that rituals, collective work, dialogue circles, bodily practices, community food preparation, and cooperative modes of spatial governance configure pedagogical landscapes that teach through lived experience, embodying ways of caring, coexisting, and regenerating. The article argues that such ambiances constitute practices of resistance and re-existence within the field of landscape architecture, contributing to broader debates on human dimensions of landscape design, planning, and management. It concludes that gatherings like ECCO strengthen socioecological bonds, promote environmental justice, and inspire pathways toward sustainable transitions.

KEYWORDS: landscape architecture; human dimension of landscape; ecovillages; socio-spatial practices; urban ambiances; ecopedagogy; insurgent planning.

1 INTRODUÇÃO

Apesar da ampla discussão sobre a questão ambiental em diferentes campos do conhecimento (Giddens, 2009; Beck, 2010; Boff, 2012), verifica-se que, mesmo com o aumento da consciência sobre os problemas socioambientais, a degradação ambiental se intensifica (Ramalho, 1999). A modernidade inaugura uma “sociedade de riscos”, marcada por perigos globais decorrentes de decisões técnicas, administrativas e políticas, muitas vezes percebidos apenas como efeitos colaterais do progresso (Beck, 2010). O desenvolvimento capitalista, ancorado na industrialização e em modelos predatórios de ocupação territorial, gera múltiplas crises urbanas que revelam custos ocultos, como desigualdades socioespaciais e riscos ambientais (Acsehrad, 2001; Rodrigues, 2011), com efeitos diretos sobre os modos de vida (Bueno, 2008). Processos acelerados de degradação aproximam o planeta de pontos críticos (Marques, 2016), enquanto padrões econômicos continuam a desconsiderar relações biofísicas essenciais (Cechin, 2010). A globalização reforça esse cenário ao transformar hábitos, subjetividades e territorialidades (Maricato, 2015), sustentando um modo de vida centrado na exploração da natureza e das pessoas (Silva, 2010) e aprofundando uma crise que é simultaneamente ambiental e comportamental (Pinheiro; Pinheiro, 2007; Zanirato; Rotondaro, 2016).

Nesse contexto, torna-se fundamental examinar como tais tensões atravessam o cotidiano e se expressam na experiência vivida. Thibaud (2025) argumenta que as ambiências constituem um campo sensível onde esses conflitos tornam-se perceptíveis, configurando modos de presença, ritmos e interações que revelam marcas da crise ecológica no nível do vivido. As ambiências, enquanto mediações entre corpo, espaço e ação (Thibaud, 2012; 2018; 2025), permitem observar como transformações ecológicas e desigualdades territoriais modulam experiências, comportamentos e formas de convivência.

No âmbito da Arquitetura da Paisagem, cresce a necessidade de metodologias sensíveis e situadas, capazes de integrar dimensões humanas, culturais e ambientais às estratégias de projeto e planejamento — lacuna metodológica ainda pouco explorada na área, sobretudo diante da emergência climática. Ademais, há escassez de estudos que investiguem ambiências ecopedagógicas em contextos comunitários temporários, como aqueles criados em encontros latino-americanos de ecovilas, o que reforça a originalidade desta investigação.

A paisagem, entendida como cena dinâmica de relações socioespaciais, expressa práticas humanas, relações socioecológicas e processos históricos que moldam modos de habitar (Thibaud, 2012). Diante das desigualdades socioespaciais e das mudanças climáticas,



torna-se urgente revisitar os modos pelos quais a Arquitetura da Paisagem incorpora dimensões humanas e sensíveis para responder a desafios complexos (Bueno, 2008).

Paralelamente, observa-se o crescimento de experiências comunitárias que propõem formas alternativas de produzir, gerir e significar o território (Santos Jr., 2016). As ecovilas, assentamentos intencionais comprometidos com sustentabilidade ambiental, social, econômica e cultural, constituem laboratórios vivos de experimentação socioespacial (Mattos, 2016; GEN, 2019). Em seus cotidianos — produzir alimentos, gerir resíduos, decidir coletivamente, conviver — essas comunidades tensionam paradigmas hegemônicos de urbanidade, trabalho, propriedade e consumo (Santos Jr., 2016).

No campo da Arquitetura da Paisagem, tais práticas podem ser compreendidas como práticas insurgentes (Maricato, 2024; Miraftab, 2009), pois reconfiguram arranjos socioespaciais estabelecidos e instauram novas formas de uso, percepção e cuidado do território. Operam na microescala do vivido, constituindo fissuras no planejamento tradicional e propondo modos alternativos de habitar e imaginar o espaço.

Ao atuarem em franjas urbanas, as ecovilas afirmam autonomia, cooperação e justiça socioambiental, articulando redes de culturas regenerativas (Valverde, 2022). A partir de observação participativa, busca-se compreender como as ambiências, entendidas como expressões sensíveis do espaço vivido (Thibaud, 2012; 2018), contribuem para configurar espacialidades alinhadas ao planejamento insurgente. Como defendem Valverde, Arruda e Bevilacqua (2025), essas ambiências constituem ecopedagogias situadas, moldadas por práticas cotidianas de cuidado, convivência e aprendizagem.

Nos encontros latino-americanos promovidos pela CASA Latina, as ambiências ecopedagógicas ancoram práticas formativas com forte potencial transformador, capazes de favorecer comportamentos e estilos de vida regenerativos (Valverde; Arruda; Bevilacqua, 2025). Investigá-las contribui para o debate sobre culturas regenerativas e para a renovação teórica e metodológica da arquitetura da paisagem (Wahl, 2019).

O Encontro Continental de Ecovilas 2025 constitui, assim, um contexto privilegiado para examinar a produção de ambiências ecopedagógicas em um território comunitário temporário — onde dinâmicas de convivência, cuidado e autogestão intensificam experiências sensíveis que tensionam paradigmas vigentes. Tais espacialidades operam como arquiteturas vivas que inspiram alternativas regenerativas para o planejamento.

A crise contemporânea do Planejamento Urbano e Regional evidencia limitações profundas diante das urgências ambientais. Nesse cenário, o planejamento insurgente (Miraftab, 2009; 2016) oferece um referencial crítico para compreender práticas autônomas que contestam racionalidades estatais e mercadológicas. As ecovilas, articulando sustentabilidade e autogestão, constituem espaços estratégicos para observar tais práticas.

Sob essa perspectiva, as ambiências ecopedagógicas apresentadas nos encontros da rede de ecovilas revelam potencial para formação sensível e política, constituindo espacialidades de educação ambiental não formal que tensionam a lógica urbano-capitalista e reivindicam justiça socioambiental. Tais encontros funcionam como laboratórios de futuros possíveis, onde se ensaiam formas insurgentes de habitar e regenerar a paisagem.

Diante desse cenário, este artigo se insere na dimensão humana do projeto, do planejamento e da gestão da paisagem, buscando responder às seguintes questões: Como práticas espaciais e cotidianas produzidas no V Encontro Continental de



Comunidade (ECCO 2025) configuram ambiências ecopedagógicas? E em que medida essas ambiências constituem práticas insurgentes no campo da Arquitetura da Paisagem?

A hipótese orientadora é que encontros continentais em ecovilas, ao integrarem práticas corporais, rituais, atividades produtivas, decisões coletivas e aprendizagem socioambiental, geram ambiências sensíveis que operam como dispositivos ecopedagógicos. Tais ambiências corporificam uma leitura ampliada da paisagem, na qual ética, estética e ecologia se entrelaçam, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos para repensar modos de projetar e planejar a paisagem.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Paisagem como experiência sensível e campo pedagógico de cuidado

A paisagem contemporânea é compreendida, sob a perspectiva humanista e fenomenológica, é entendida como experiência que articula corpo, ambiente e cultura. A leitura sensível da paisagem, marcada por ritmos, sons, texturas, odores, escalas e atmosferas constitui uma forma situada de conhecimento capaz de orientar decisões em projeto, gestão e políticas territoriais (Thibaud, 2012). Tal compreensão amplia o escopo da Arquitetura da Paisagem, que passa a integrar dimensões afetivas, simbólicas e éticas, assumindo a tarefa de promover bem-estar, restaurar ecossistemas, fortalecer vínculos socioambientais e, sobretudo, reconhecer o cotidiano como campo formativo.

Nesse debate, as relações entre política pública, paisagem e práticas insurgentes adquirem centralidade. As paisagens tornam-se arenas de disputa, redes e alianças que buscam assegurar condições de vida e reivindicar direitos (Maricato, 2024). Elaborar políticas ou projetos de paisagem, portanto, implica reconhecê-la como dispositivo político e pedagógico capaz de produzir transformações sociais.

Esse deslocamento conceitual converge com experiências de soberania e segurança alimentar, amplamente mobilizadas por comunidades agroecológicas e ecovilas. Nessas práticas, a paisagem se configura como campo de coaprendizagem, articulando sistemas permaculturais, tecnologias sociais e economias solidárias — dispositivos que reafirmam o direito ao território (Kaza; Litfin; Lockyer, 2014; GEN, 2022). Tais perspectivas dialogam com uma visão de insurgência entendida como práxis de reparação, reconstrução e reexistência diante das racionalidades hegemônicas do planejamento (Miraftab, 2009).

As ambiências, nesse contexto, constituem atmosferas produzidas pelo entrelaçamento entre sujeitos, práticas e condições espaciais. Resultam de estímulos sensoriais, configurações ambientais, ritmos de uso e relações afetivas, compondo uma ecologia dos sentidos que permite compreender a aprendizagem do lugar (Thibaud, 2012).

Ao reconhecer o corpo como mediação fundamental da experiência territorial, a Arquitetura da Paisagem amplia sua capacidade de interpretar práticas cotidianas como dispositivos projetuais, ao integrar dimensões sociais, pedagógicas e sensíveis na leitura da paisagem. Apesar do avanço das pesquisas sobre ambiências e pedagogias da



paisagem, ainda são escassos estudos que investigam ambiências ecopedagógicas em contextos comunitários temporários, configurando um campo promissor para a Arquitetura da Paisagem.

Assim, denomina-se ambiências ecopedagógicas aquelas configuradas por experiências sensíveis que ensinam, mobilizam e estruturam modos coletivos de cuidado. Elas operam como campos de aprendizagem enraizados no cotidiano, onde a paisagem educa por meio da corporificação, da prática e da convivência.

2.2 Ecovilas como práticas insurgentes de arquitetura da paisagem

A crise que atravessa o Planejamento Urbano contemporâneo evidencia o esgotamento de modelos racionalistas e homogêneos diante das urgências socioambientais. Nesse cenário, o conceito de *planning insurgent* (Miraftab, 2009; 2016) torna-se fundamental ao denunciar as limitações das formas institucionais de planejamento e ao destacar práticas autogestionárias, autônomas e contra-hegemônicas como alternativas na produção do espaço. Tal perspectiva dialoga com autoras como Sandercock (1998), Beard (2003) e Friedmann (2002), que defendem epistemologias plurais, sensíveis ao cotidiano e às múltiplas territorialidades. Apesar de sua relevância, ainda são escassos os estudos que analisam tais práticas insurgentes a partir da perspectiva da Arquitetura da Paisagem, especialmente quando relacionadas a experiências comunitárias latino-americanas.

A discussão ganha ressonância nos conflitos territoriais vivenciados por ecovilas brasileiras, originadas nos movimentos pacifistas e alternativos da década de 1970 e estruturadas por princípios de sustentabilidade, vida comunitária e direitos humanos (De Souza, 2022). Hoje, consolidam-se como comunidades intencionais com significativo capital ecológico, social e simbólico, organizadas por ecologias do cuidado que orientam o cotidiano (Valverde, 2022).

Ainda assim, muitas ecovilas brasileiras enfrentam irregularidade fundiária e institucional, revelando assimetrias entre práticas insurgentes e os marcos normativos vigentes (De Souza, 2022). O conflito emerge do choque entre lógicas colaborativas, agroecológicas e autogestionárias, que produzem o espaço a partir da reciprocidade e modelos modernizantes de uso e parcelamento do solo, pouco permeáveis a arranjos comunitários.

Compreender ecovilas como práticas insurgentes permite situá-las no centro de debates da Arquitetura da Paisagem, evidenciando como instauram modos alternativos de habitar e produzir território. Nesse âmbito, a leitura da paisagem torna-se ferramenta metodológica essencial, pois permite interpretar como espacialidades insurgentes se corporificam no cotidiano das comunidades, articulando práticas como cozinhar, cultivar, celebrar e deliberar coletivamente — ações que, conforme Certeau (1994), constituem formas de apropriação e produção do espaço.

Assim, ecovilas operam como laboratórios vivos de sustentabilidade e de crítica aos modelos hegemônicos de urbanidade. Quanto a dimensão humana do projeto e da gestão da paisagem, sua análise revela o potencial da leitura sensível da paisagem para



compreender como práticas comunitárias reconfiguram cuidados, vínculos e modos de viver, uma lacuna metodológica ainda pouco explorada na literatura.

2.3 Ambiência ecopedagógicas e o Conselho de Assentamentos Sustentáveis da América Latina

As experiências sensoriais são moldadas por referenciais culturais e sociais, e o corpo funciona como mediador cognitivo capaz de interpretar o ambiente de maneira situada (Le Breton, 2016). Em comunidades, as ambiências emergem de práticas coletivas, ritmos compartilhados e sociabilidades cotidianas, ultrapassando a materialidade e produzindo atmosferas que exprimem modos de habitar (Tixier, 2007; Thibaud, 2012). Contudo, a literatura ainda apresenta lacunas sobre como tais ambiências se manifestam em contextos comunitários temporários, especialmente em encontros do movimento de ecovilas na América Latina.

No contexto das ecovilas, essas dinâmicas configuram ambiências ecopedagógicas — paisagens que ensinam por meio da experiência, da colaboração e da vida cotidiana. Inspirada pela noção de ambiência como co-produção entre sujeitos e espaço (Thibaud, 2011), essa perspectiva evidencia que práticas comunitárias (manejo ecológico, rituais, mutirões, decisões coletivas) constroem pertencimento e identidades territoriais, fortalecendo vínculos afetivos e ecológicos.

A integração entre Permacultura, práticas educativas e organização comunitária gera arranjos ecopedagógicos orientados pela corresponsabilidade, pelo cuidado e pela regeneração ambiental (Valverde; Pinheiro, 2025). Tais experiências demonstram que uma educação ambiental sensível ao cotidiano pode produzir transformações sociopolíticas e culturais (Bevilacqua, 2022). Ainda assim, faltam estudos que examinem sistematicamente esses processos em eventos comunitários efêmeros, que operam como laboratórios de experimentação socioespacial.

Nesse sentido, os encontros continentais de comunidades promovidos pela CASA Latina constituem contextos privilegiados de investigação. Por serem comunidades temporárias, intensificam relações sensoriais, espaciais e sociais, produzindo ambiências de caráter experimental que desafiam estruturas hegemônicas de convivência, governança e uso da paisagem. Seu caráter efêmero possibilita a emergência de práticas insurgentes que, ainda que temporárias, produzem efeitos formativos duradouros.

Assim, as ambiências ecopedagógicas presentes em encontros comunitários temporários configuram práticas insurgentes no campo da Arquitetura da Paisagem, pois demonstram metodologias sensíveis de leitura da paisagem articuladas ao cuidado, à aprendizagem compartilhada e à vida comum. Tais experiências preenchem lacunas na literatura ao evidenciar como ambiências coletivas e efêmeras podem informar novas abordagens de planejamento e gestão da paisagem, especialmente no âmbito da dimensão humana da paisagem.

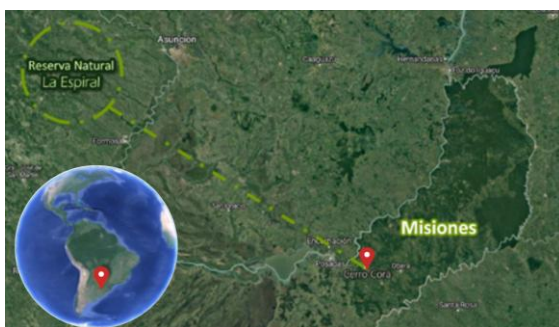
3. ESTUDO DE CASO

Com o intuito de aprofundar a compreensão sobre práticas insurgentes e processos comunitários em contextos latino-americanos, a pesquisa adota abordagem qualitativa e viés etnográfico focada nas ambiências. A leitura da paisagem, aqui empregada como método sensível, orienta a observação das relações entre corpo, território e práticas cotidianas, relativas à dimensão humana da paisagem. O estudo de caso ocorreu no V Encontro Continental de Comunidades (ECCO 2025), organizado pelo Conselho de Assentamentos Sustentáveis da América Latina (CASA Latina), na Ecovila Reserva Natural La Espiral, em Misiones, Argentina (Figura 1), entre os dias 1 e 12 de fevereiro de 2025.

O CASA Latina, articuladora latino-americano da Global Ecovillage Network, atua no fortalecimento político e cultural do movimento de ecovilas na região. Entre suas principais iniciativas estão os encontros continentais realizados a cada dois anos, sempre sediados em ecovilas de diferentes países integrados à rede. Seus encontros bianuais têm caráter itinerante e buscam estimular transformações culturais associadas à sustentabilidade, por meio da convivência e da troca de práticas entre comunidades. A edição de 2025, realizada na ecovila argentina, congregou mais de 100 participantes provenientes de 13 países (CASA Latina, 2025).

Implantada em uma área de 50 hectares, dos quais cerca de 5 ha são destinados a uso comunitário, a paisagem da ecovila anfitriã combina áreas de uso comunitário com extensas porções de vegetação nativa. Entre os elementos estruturadores do lugar (Figura 2) destacam-se uma lagoa oriunda da inundação de uma antiga pedreira desativada, três trilhas interpretativas, concebidas como percursos pedagógicos de reconexão sensível e edificações de uso compartilhado, o núcleo de atividades coletivas (WWOOF, 2024).

Figura 1: Localização de Misiones, Argentina e da ecovila Reserva Nacional La Espiral, onde foi realizado o V Encontro Continental de Comunidades em 2025.



Fonte: Adaptado de CASA Latina (2025)

Figura 2: Vista aérea da ecovila Reserva Nacional La Espiral, onde foi realizado o V Encontro Continental de Comunidades em 2025.



Fonte: CASA Latina (2025).

Tais elementos estruturadores do lugar favorecem a observação de práticas cotidianas e de interações socioespaciais relevantes ao estudo das ambiências ecopedagógicas, ao passo que suas características configuram uma paisagem cuja estrutura ecológica e comunitária fornece condições privilegiadas para a leitura das ambiências.

As técnicas de coleta incluíram observação participante, diário de campo, análise documental, registros audiovisuais e mapeamento de práticas comunitárias e espaços coletivos. A análise interpretativa articulou tais registros às três dimensões das ambiências ecopedagógicas (técnica, relacional e simbólica) definidas por Valverde,

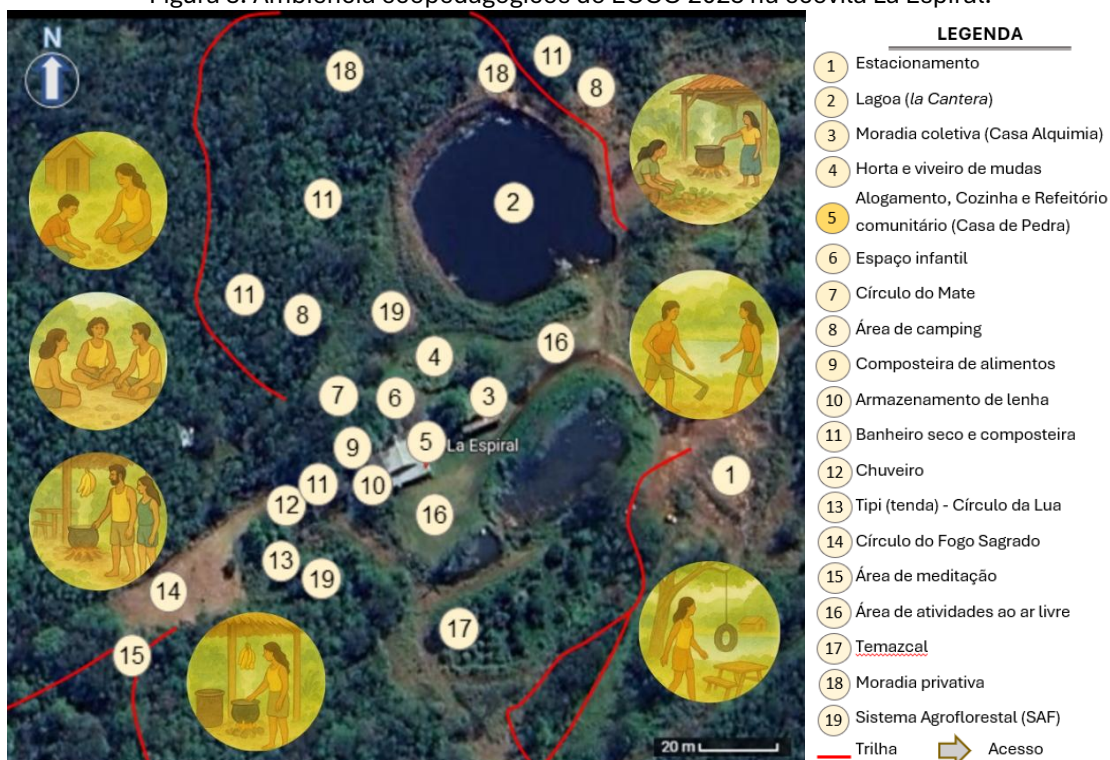
Arruda e Bevilacqua (2025). Essa articulação resultou em uma matriz visual das ambiências, que sintetiza os padrões sensíveis e socioespaciais observados, discutidos em três eixos: ambiências ritualísticas e simbólicas, ambiências produtivas e de cuidado, e ambiências formativas e de governança comunitária.

Essa estratégia metodológica mostra-se adequada à leitura da paisagem por operar a partir do espaço experienciado, permitindo captar aspectos como percepções corporificadas, microgestos comunitários, temporalidades do cuidado e formas insurgentes de organização espacial. Desse modo, responde diretamente às questões colocadas, possibilitando compreender como práticas cotidianas e arranjos comunitários configuram ambiências ecopedagógicas e em que medida essas ambiências podem ser interpretadas como práticas insurgentes que tensionam modelos tradicionais de projetar, planejar e gerir a paisagem.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

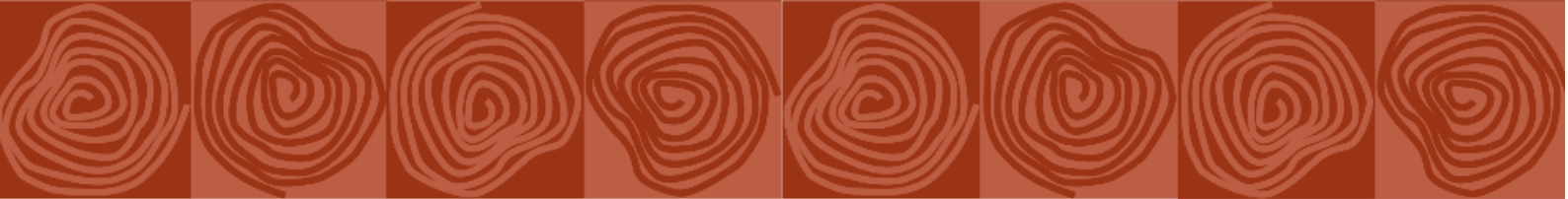
Durante doze dias, o ECCO 2025 constituiu uma paisagem de imersão sensível no qual convivência, trabalho coletivo, formação e celebração se articularam continuamente. Mais de 200 práticas socioespaciais distribuídas em 23 espaços coletivos foram mapeadas a partir de fluxos de uso, interações sociais, intensidades sensoriais e arranjos espaciais (Valverde, Arruda e Bevilacqua, 2025). A análise revelou três grandes grupos de ambiências ecopedagógicas: ritualísticas, produtivas e formativas que, em conjunto, configuram práticas insurgentes de arquitetura da paisagem.

Figura 3: Ambiência ecopedagógicos do ECCO 2025 na ecovila La Espiral.



Fonte: As autoras, 2025.

4.1 Ambiências ritualísticas: sacralização do cotidiano e comunhão sensível



Rituais de abertura e encerramento, círculos da fala, cerimônias com fogo, rodas de música e danças circulares marcaram o ritmo do encontro, configurando ambiências de forte corporificação simbólica. Esses atos, produzidos coletivamente, sacralizavam o cotidiano por meio de gestos, cantos e elementos naturais, instaurando uma temporalidade própria e reforçando afetos e vínculos entre os participantes.

Essas práticas afirmam a paisagem como campo espiritual, relacional e ético, em consonância com a noção de ambiência como experiência compartilhada (Thibaud, 2011; 2012). Ao mobilizar dimensões imateriais do espaço ligadas a pertencimento, sensibilidade e cuidado, os rituais constituem práticas insurgentes que deslocam o foco do planejamento convencional e resgatam modos participativos e simbólicos de habitar.

4.2 Ambiências produtivas e de cuidado: práticas regenerativas

Atividades como mutirões de bioconstrução, manejo agroflorestal, saneamento ecológico, preparo coletivo de alimentos, compostagem e coleta de água da chuva produziram espacialidades orientadas ao cuidado e à regeneração. Nessas práticas, a paisagem atuou como mediadora pedagógica, ensinando por meio da ação e da experiência direta, coerente com a noção de ecopedagogia da paisagem.

A observação sensível evidenciou estímulos característicos:

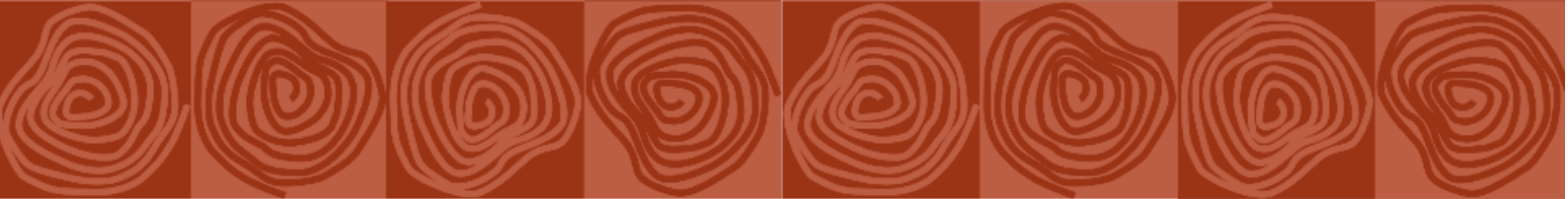
- olfato: aroma da lenha, ervas aquecidas, defumadores, alimentos sendo preparados;
- audição: sons da água do lago, ferramentas em uso, passos e corpos em movimento;
- tato: texturas de madeira, solo úmido, materiais naturais dos banheiros secos;
- visão: luz do fogo, sombras móveis, cores da vegetação e escalas naturais.

Tais estímulos reforçam que as ambiências emergem da interação entre corpo, espaço e prática (Tixier, 2007; Thibaud, 2012). As espacialidades de cuidado, atreladas a vida comunitária, que incluem cozinhar, plantar e construir constituem insurgências cotidianas que enfrentam lógicas urbano-capitalistas, mobilizando práticas regenerativas de baixo impacto e fortalecendo ecologias do cuidado (Valverde, 2022).

4.3 Ambiências formativas e de governança: aprendizagem e gestão comunitária

Oficinas, rodas de conversa, vivências, assembleias comunitárias e debates no Círculo do Mate configuraram ambiências formativas que integravam pedagogia, política e cotidiano. No espaço circular sob a mata, marcado pela alternância natural das sombras e por bancos baixos dispostos rente ao chão, bem como temas como direitos da Mãe Terra, ecoalfabetização, comunicação não violenta e sociocracia eram discutidos de forma horizontal.

A organização espacial reforçava a horizontalidade das relações, favorecendo escuta ativa e corresponsabilidade, configurando uma pedagogia do território. Nessas ambiências, a paisagem ensina politicamente: o espaço circular, o bastão da palavra, o vínculo direto com o solo e o compartilhamento das práticas instituem um modo sensível de governar coletivamente.



A insurgência aqui não assume caráter de ruptura abrupta, mas de reinvenção cotidiana: decisão horizontal, cultivo agroecológico, mutirões solidários, saneamento ecológico e comensalidade representam práticas que resistem e reexistem frente a modelos hegemônicos de planejar e habitar a paisagem. Assim, práticas formativas articulam saberes tradicionais, técnicas sustentáveis e modos comunitários de cuidado, constituindo ambiências ecopedagógicas com forte potencial transformador.

4.4 Síntese interpretativa: paisagem como laboratório de futuros possíveis

No ECCO 2025, as práticas insurgentes emergiram de rituais, mutirões, arranjos espaciais circulares, florestas comestíveis, cozinhas comunitárias e dinâmicas de governança. A leitura das ambiências revelou que essas experiências produzem espacialidades sensíveis que fortalecem pertencimento, reforçam ecologias do cuidado e inauguram modos alternativos de habitar e planejar a paisagem.

Essas ambiências, ao articularem corpo, território e aprendizagem, constituem arquiteturas vivas de formação e de práticas ecopedagógicas que operam como dispositivos de transformação cultural, ecológica e política. Revela-se, assim, a potência da rede CASA Latina em fomentar as ecovilas como laboratórios de futuros possíveis, nos quais experiências comunitárias temporárias testam modos regenerativos de vida e novas formas de imaginar a paisagem no contexto da crise contemporânea do planejamento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ECCO 2025 constitui exemplo potente de como a paisagem pode ser vivida, percebida e aprendida de forma sensível, coletiva e insurgente. As ambiências ecopedagógicas experienciadas demonstram que práticas comunitárias têm capacidade de: (i) produzir paisagens regenerativas; (ii) fortalecer vínculos socioambientais; (iii) ativar leituras sensíveis do território; (iv) inspirar transições sustentáveis; e (v) ampliar o debate sobre a função social da paisagem.

Essa abordagem permite compreender ecovilas como territórios de produção sensível, onde o cuidado com o lugar e com a vida coletiva se expressa por meio de ambiências ecopedagógicas, que favorecem vínculos de pertencimento. Nessa direção, a arquitetura da paisagem atua como mediadora dessas relações ao integrar corpo, espaço e sociabilidade. Ao reconhecer a paisagem como campo de cuidado, as experiências do ECCO 2025 reforçam a urgência de integrar dimensões humanas, biofísicas e culturais no planejamento.

As ecovilas e seus encontros configuram laboratórios vivos de inovação socioespacial, afirmando que práticas insurgentes podem contribuir significativamente para políticas públicas, projetos e processos formativos voltados à justiça ambiental, ao bem-estar e à regeneração ecológica.

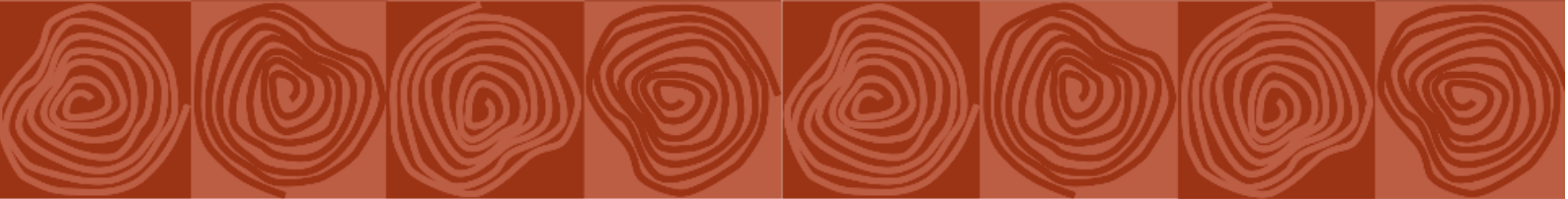
Assim, este artigo reforça a importância de investir em metodologias que valorizem a experiência sensível, o conhecimento situado e a autonomia comunitária, permitindo que a arquitetura da paisagem se renove como campo transdisciplinar comprometido com o futuro das paisagens brasileiras.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq pelo apoio financeiro concedido por meio de Bolsa pós-doutoral, à Rede CASA Latina e CASA Brasil, à comissão organizadora do ECCO 2025, aos membros da ecovila La Espiral e as parceiras de pesquisa em prol da Regeneração Beatriz Arruda e Bruna Bevilacqua e a Rodrigo Rozendo pelo suporte.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H. (org.). **A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas**. Rio de Janeiro: DP&A; CREA-RJ, 2001. p. 43–70.
- BECK, U. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é – o que não é**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BUENO, L. M. M. **Reflexões sobre o futuro da sustentabilidade urbana a partir de um enfoque socioambiental**. Cadernos Metrópole, n. 19, p. 99–121, 2008.
- CASA LATINA. **Carta de Princípios da Rede de Assentamentos Sustentáveis da América Latina**. 2016.
- CASA LATINA. **Cartilla con información general ECCO2025**. Disponível em: <https://redcasalatina.org/ecco-2025/>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- CECHIN, A. **A natureza como limite da economia: a contribuição de Nicholas Georgescu-Roegen**. São Paulo: Editora Senac São Paulo; Edusp, 2010.
- GEN – GLOBAL ECOVILLAGE NETWORK. **What is an Ecovillage?** 2022.
- GIDDENS, A. *A política da mudança climática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- KAZA, S.; LITFIN, K.; LOCKYER, J. (eds.). **Ecovillages: Lessons for Sustainable Community**. Gabriola Island: New Society Publishers, 2014.
- LA ESPIRAL. **Reserva Natural Regenerativa La Espiral**. Instagram: @laespiralnatural. Disponível em: <https://www.instagram.com/laespiralnatural/>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- MARICATTO, I. K. **Em busca de paisagens fora do plano: a insurgência das Cozinhas Solidárias do MTST**. In: Anais do 7º Congresso Internacional de Arquitetura da Paisagem. Curitiba, 2024.
- MARICATO, E. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- MARQUES, L. **Capitalismo e colapso ambiental**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.
- MIRAFTAB, F. **Insurgent planning: situating radical planning in the global south**. Planning Theory, v. 8, n. 1, p. 32–50, 2009.
- PINHEIRO, J.; PINHEIRO, T. **Cuidado ambiental: ponte entre psicologia e educação ambiental?** Psico (Porto Alegre), v. 38, n. 1, p. 25–34, 2007.
- RAMALHO, D. S. **Degradação ambiental urbana e pobreza: a percepção dos riscos**. Raízes, v. XVIII, n. 19, p. 16–30, maio 1999. Disponível em: http://revistas.ufcg.edu.br/raizes/artigos/Artigo_41.pdf. Acesso em: 9 jun. 2018.



RODRIGUES, A. M. **A matriz discursiva sobre o meio ambiente:** produção do espaço urbano – agentes, escalas, conflitos. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (org.). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 207–223.

SILVA, M. G. E. **Questão ambiental e desenvolvimento sustentável:** um desafio ético-político ao serviço social. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, L. L. D. **O papel das ecovilas rurais no desenvolvimento local sustentável.** Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.

THIBAUD, J.-P. **A cidade através dos sentidos.** Cadernos PROARQ, v. 1, n. 18, p. 198–213, 2012.

THIBAUD, J.-P. **Ambiência.** In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (orgs.). *Psicologia Ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 13–25.

THIBAUD, J.-P. **Towards Atmospheric Sensibility.** Cadernos PROARQ, n. 45, p. 1–15, 2025. DOI: 10.37180/2675-0392-n45-1.

VALVERDE, J. V. L. **O papel dos ambientes coletivos de convivência no modo de vida:** buscando nexos entre elementos de projeto arquitetônico e modos de vida sustentável em duas ecovilas brasileiras. 2022. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

WAHL, D. C. **Design de culturas regenerativas.** São Paulo: Bambual, 2019.

WWOOF. **La Espiral es un proyecto integral.** WWOOF Independents. Disponível em: <https://woofindependents.org/en/host/54517-la-espiral-es-un-proyecto-integral-que-se-expande-en-los-ejes-ecologico-social-y-espiritual>. Acesso em: 30 abr. 2025.

ZANIRATO, S. H.; ROTONDARO, T. **Consumo, um dos dilemas da sustentabilidade.** Estudos Avançados, v. 30, n. 88, p. 77–92, 2016.